

A TRAJETÓRIA ESPACIAL E INTELECTUAL DE RUY MOREIRA E SUA CONTRIBUIÇÃO À GEOGRAFIA BRASILEIRA

RUY MOREIRA'S SPACE AND INTELLECTUAL TRAJECTORY AND ITS CONTRIBUTION TO BRAZILIAN GEOGRAPHY

Mônica Sampaio Machado ¹

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Correspondência para: Mônica Sampaio Machado (monicasampaio@oi.com.br)

doi: 10.12957/geouerj.2019.44401

Recebido em: 4 ago. 2019 | Aceito em: 17 dez. 2019



RESUMO

Importante intelectual e referência da Geografia marxista brasileira, Ruy Moreira, geógrafo carioca, nasceu no início da década de 1940, em um Rio de Janeiro, então capital da República, centro e símbolo da modernidade brasileira e palco de inúmeros eventos e manifestações políticas de alcance nacional. Quase toda sua trajetória espacial foi passada no ambiente metropolitano do Rio. São Paulo, estado e cidade, também esteve presente, especialmente, em sua formação intelectual. De origem proletária, quando muito jovem trabalhou no setor de serviços em um complexo fabril no Rio, onde sua formação e militância política de esquerda tiveram raízes, no movimento operário sindical. A interface entre Filosofia, Economia Política, História e Geografia constitui a base da estrutura de seu pensamento e argumentação, sempre voltada para o Brasil, sobretudo, para desvelar a dinâmica geoeconômica e política que movimenta a sociedade brasileira. Este artigo procura apresentar e explorar a trajetória espacial desse geógrafo, buscando associá-la à construção de seu pensamento, assim como discutir a contribuição de sua obra para a Geografia brasileira.

Palavras-chave: Ruy Moreira, Geografia marxista, Trajetória espacial e intelectual, Dicionário dos geógrafos brasileiros..

ABSTRACT

Important intellectual and reference of Brazilian Marxist Geography, Ruy Moreira, "carioca" geographer, was born in the early 1940s, in Rio de Janeiro, then the capital of the Republic, center and symbol of Brazilian modernity and the scene of numerous events and political manifestations of national scope. Almost all its spatial trajectory was spent in the metropolitan environment of Rio. São Paulo, state and city, was also present, especially in its intellectual formation. Of proletarian origin, when he was very young he worked in the service sector in a factory complex in Rio, where his formation and left-wing political activism were rooted, in the trade union movement. The interface between Philosophy, Political Economy, History and Geography is the basis of the structure of thought and argumentation, always focused on Brazil, especially to unveil the geoeconomic and political dynamics that drives Brazilian society. This article seeks to present and explore the spatial trajectory of this geographer, seeking to associate it with the construction of his thinking, as well as to discuss the contribution of his work to Brazilian geography.

Keywords: Ruy Moreira, Marxist Geography, Spatial and Intellectual Trajectory, Dictionary of Brazilian Geographers.

INTRODUÇÃO

Este artigo se origina do conjunto de atividades que vêm sendo realizadas no âmbito do projeto de pesquisa *Dicionário dos Geógrafos (1890-2000)*, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, pelo Grupo de Pesquisa Geografia Brasileira: História e Política (GeoBrasil). A proposta central é

desenvolver e consolidar uma linha de investigação em história e memória da Geografia brasileira, ao longo de 110 anos do Brasil republicano, dando particular ênfase aos seus personagens e referências intelectuais. Ruy Moreira, portanto, é um desses grandes personagens.

Com base em levantamentos bibliográficos e documentais, serão apresentados e contextualizados o território da vida e as obras do autor, com o intuito de buscar possíveis relações entre ele, suas obras, seu pensamento e suas contribuições. A importância do espaço geográfico na história das ideias tem surgido como uma rica perspectiva metodológica, como um método de trabalhar a história do conhecimento, um modo de pensar já apontado por autores como Jean-Marc Besse (2004), Chris Philo (1996) e Antonio Carlos Robert de Moraes (2011). Assim, pensar e espacializar a vida e obra de Ruy Moreira, com o objetivo de estabelecer uma conexão explicativa entre a construção de suas ideias e sua trajetória espacial, não de maneira determinista, mas a partir de uma análise de influências, constitui o eixo interpretativo e metodológico deste artigo.

Importante intelectual e referência da Geografia marxista brasileira, Ruy Moreira, geógrafo carioca, nasceu no início da década de 1940, em um Rio de Janeiro, então capital da República, centro e símbolo da modernidade brasileira e palco de inúmeros eventos e manifestações políticas de alcance nacional. Quase toda sua trajetória espacial foi passada no ambiente metropolitano do Rio. São Paulo, estado e cidade, também esteve presente, especialmente em sua formação intelectual. De origem proletária, quando muito jovem ele trabalhou no setor de serviços em um complexo fabril no Rio, onde sua formação e militância política de esquerda tiveram raízes, no movimento operário sindical. Dedicou-se à construção de uma Geografia combativa e filosófica de matriz marxista, tornando-se grande estudioso de Marx e dos seus herdeiros. Sua formação e militância de esquerda se refletiram não apenas em sua atuação docente e nas associações profissionais, como também em seus livros, estudos, palestras e orientações. A interface entre Filosofia, Economia Política, História e Geografia constitui a base da estrutura de seu pensamento e argumentação, sempre voltada para o Brasil, sobretudo, para desvelar a dinâmica geoeconômica e política que movimenta a sociedade brasileira.

Organizado em três partes, cada uma correspondendo a um período de vida e obra do autor, este artigo explora sua trajetória espacial, buscando associá-la à construção de seu pensamento, assim como discutir a contribuição de sua obra para a Geografia brasileira. A primeira fase se estende até a década de 1990; a segunda abrange os dezesseis anos seguintes, indo até 2010; e a terceira compreende os anos de 2011 a 2018.

A trajetória espacial e intelectual: primeira fase¹

Ruy Moreira nasceu em 31 de dezembro de 1941, no bairro de Botafogo, na cidade do Rio de Janeiro. Seus pais eram migrantes de origem proletária que chegaram a essa cidade por razões distintas. Sua mãe, Regina Pereira Moreira, nasceu na zona rural, no agreste pernambucano, no município de Bezerros, localizado a 107 km de Recife, e chegou ao Rio de Janeiro ainda muito jovem, aos 10 anos.

Minha mãe (...) era filha de artesãos que viviam do comércio na feira de Garanhuns. Meu avô comprava e revendia cavalos e minha avó fazia objetos de renda para vender na feira. Eles tiveram muitos filhos, como então era costumeiro nas áreas rurais. Quando tinha dez anos minha mãe foi dada – prática comum à época nas famílias do interior do Nordeste – a um casal de médicos que tinha ido lá para se casar. Minha mãe veio com o casal morar na zona sul do Rio de Janeiro. O médico era do Rio e a médica de Pernambuco. Lembro-me que até o final de sua vida ela o chamava de padrinho, mas na verdade era empregada doméstica do casal. (MOREIRA, 2013, p.1)

¹ A expressão *trajetória espacial* aqui utilizada dialoga com as ideias de Milton Santos (1994) e Doreen Massey (2008 e 2017). Em relação ao primeiro, associa-se à discussão da dimensão temporal em geografia estabelecida pela relação de dois eixos, o da sucessão (ou sequência) e o da coexistência (ou simultaneidade) dos fenômenos. Segundo Santos (1994, p.164) o tempo como sucessão, o tempo histórico, foi o tempo que dominou os estudos geográficos. Todavia, embora seja necessário conhecer o tempo histórico para poder periodizar o fenômeno estudado e saber o que distingue uma periodização de outra, é momento de atentar para o tempo da simultaneidade, da coexistência. É a simultaneidade dos diversos tempos sobre uma dada área geográfica, e não o tempo como sucessão, que é concreta e o espaço possui a capacidade de reuni-los. Já em relação à Massey a expressão *trajetória espacial* associa-se à concepção de “pensar geograficamente”. Esta engloba não apenas as diversas imagens do mundo que carregamos em nossas mentes, mas sobretudo, as coetaneidades das inúmeras relações de poder nos lugares, compreendidos pela autora como “lugares de encontro” de diferentes pessoas e grupos, um verdadeiro emaranhamento de diferentes histórias. Massey estabelece a concepção relacional de espaço, definindo “lugar como uma imbricação de múltiplas trajetórias, considerando o movimento e a transformação como constituintes fundamentais na construção do espaço. O termo aparentemente simples “trajetória” sintetiza esta dupla constituição espaço-temporal: não é possível definir trajetória sem vincular de maneira indissociável espaço e tempo. Provavelmente não existe melhor expressão, assim, para romper com a dicotomia entre as categorias mestras, espaço e tempo.” No caso estudado, Ruy Moreira, o cenário predominante de toda sua trajetória é o Rio de Janeiro, cidade e região.

Em 1948, em função de seu pai ter contraído tuberculose, sua família retornou para a área rural no Norte Fluminense, lá ficando por cerca de dois anos. Em 1950, seu pai faleceu e sua mãe resolveu voltar para o Rio de Janeiro, indo morar no subúrbio da Central do Brasil, em Marechal Hermes, área de influência de Madureira, tornando-se operária fabril em uma indústria têxtil, o Moinho Inglês,² no porto, no bairro da Gamboa. Ruy Moreira, então com nove anos, foi estudar em um colégio interno municipal. Lá ficou até os 14 anos, até 1955, quando, para auxiliar sua mãe com as despesas da família, parou os estudos e começou a trabalhar como office-boy no complexo de indústrias que incluía o Moinho Inglês, no escritório que articulava o cotidiano desse complexo fabril, crescendo em um ambiente operário. Somente em 1960, após servir ao Exército, ele retornou aos estudos e concluiu, em 1965, preparando-se em cursinhos, o ensino fundamental e o secundário, pelo sistema chamado Exame de Madureza, prestando as provas no Colégio Pedro II.

Preparávamo-nos em cursinhos e fazíamos provas em colégios públicos – no meu caso, o Colégio Pedro II – abatendo blocos de disciplinas em períodos sucessivos, (...). É como fosse aluno, mas não de turma regular, do Pedro II. Fiz provas elaboradas, corrigidas e avaliadas pela docência regular do Pedro II. E tenho diploma do Pedro II, sem matrícula formal de aluno, como era comum à época da antiga LDB. Foi quando tive contato estreito com a literatura Geográfica clássica. (MOREIRA, 2013, p.3)

Sua adolescência e parte de sua juventude, assim, foram de muito trabalho e luta pela sobrevivência, passadas no subúrbio da Central do Brasil, no ambiente da fábrica e dos cursinhos.³ Na fábrica, Ruy acompanhou os movimentos grevistas e sindicais, e nos cursinhos acabou estabelecendo ligação com o grêmio estudantil do Pedro II, vanguarda do movimento secundarista no Rio naquela época, e com o movimento estudantil universitário, do qual foi um militante ativo. Ambos os ambientes foram de importância fundamental para sua formação intelectual, política e militante. No ambiente operário, teve contato com a literatura de esquerda, e no estudantil, com a literatura formal exigida na formação fundamental e secundária. “Minha escola de marxismo foi o cotidiano da vida. (...). Tudo me leva ao marxismo clássico daquele contexto de época, o marxismo do mundo explicado pela economia.”(MOREIRA, 201, p.3)

² O Moinho Inglês era uma das unidades fabris de um complexo de indústrias, que junto à indústria de tecidos incluía ainda a de encerados, de ração balanceada, de biscoitos (Aimoré) e de farinha de trigo, daí o nome do conjunto fabril, localizado próximo ao porto, no bairro da Gamboa. (MOREIRA, 2013)

³ Sobre o subúrbio carioca, sugere-se o livro organizado por Márcio de Oliveira e Nelson Fernandes, *150 anos de subúrbio carioca*, 2010.

O cotidiano de Ruy Moreira no período em que trabalhava no setor fabril influenciou sua formação política e seu interesse pela literatura, sobretudo a literatura russa pré-revolucionária. Ao fazer o trajeto de trem de sua casa para o trabalho, na estação Central do Brasil, de onde, na década de 1950, saíam diversas linhas de transporte de passageiros, ligando não apenas o centro da cidade ao subúrbio carioca, mas também a São Paulo e a Minas Gerais, Ruy tanto vivenciou o dia a dia dos trabalhadores e suas manifestações quanto circulou por todo um conjunto de serviços e comércio presentes nesse importante entroncamento.⁴ Nesse sentido, seu depoimento é revelador:

Eu trabalhava no escritório do complexo de fábricas do Moinho Inglês, na Gamboa, e todo dia pegava o trem passando pela estação central da Central do Brasil para ir e voltar. Na porta – eram pelo menos quatro – por onde passava para ir ao trabalho e voltar para casa havia, na lateral da direita do grande e belo prédio, bem no canto direito da entrada, uma livraria (não sei se ainda existe) e eu sempre parava para olhar as vitrines. Num dia, vi na vitrine o livro *A Cabana do Pai Tomás*, de Harriet Beecher Stowe, numa brochura em edição portuguesa, um romance açucarado, mas clássico de denúncia da escravidão nos Estados Unidos, e comprei. Eu tinha leituras da poesia anti-escravidão de Castro Alves, que sempre adorei, e vi o romance nessa linha. Criei o hábito de comprar livros nessa livraria, que ia lendo no trem. O livro seguinte foi *Diálogo Brasil-URSS*, livro de narrativa de viagem do jornalista Nestor de Holanda, que me chamou a atenção sobre o modo de vida de lá e me levou a mais leituras sobre a União Soviética e o socialismo. Daí, cheguei às poesias de Vladimir Maiakovski, meu poeta, e romances de Máximo Gorki, que amo, livros de contos, ambientados nas cidades e campos da Rússia pré-revolução que ele conhecia como vagabundo. Gorki me levou a toda a literatura clássica da pré-revolução, Tolstói, Turgueniev, Tchecov, Dostoiévski, Gogol, Pushkin, Gontcharov. O desdobramento foi o *Manifesto do Partido Comunista*, de Marx e Engels, o primeiro livro deles e do marxismo que li. Todos comprados nessa livraria! (MOREIRA, 2013)

É importante também registrar que as décadas de 1950 e 1960 destacam-se por intensas reviravoltas políticas no Brasil, sobretudo, no Rio de Janeiro.⁵ Especificamente o período entre 1955 e 1965, em que

⁴ Vale mencionar que foi justamente na Praça da República, em frente à estação da Central do Brasil, que João Goulart realizou o famoso Comício da Central do Brasil, em março de 1964, para defender as reformas de base do seu governo. Esse comício juntou certa de 200 mil pessoas e nele esteve presente Leonel Brizola, então Governador do Rio Grande do Sul. (Sobre o pronunciamento de João Goulart consultar Munteal et. al 2006)

⁵ As décadas de 1920 a 1960 foram décadas douradas, de prosperidade e acumulação e de prestígio no Rio de Janeiro. “A cidade desdobrou-se em novos comportamentos e dimensões. Quase no anonimato, plasmou os subúrbios,

Ruy vivencia a cidade, trabalhando, estudando e servindo o Exército, é marcado pelo suicídio de Getúlio Vargas, em 1954, e compreende: a eleição de Juscelino Kubitschek, em 1956; a transferência da capital para Brasília, em 1960; a renúncia de Jânio Quadros e a posse de João Goulart, em 1961; e o Golpe militar, em 1964. Intensas manifestações sociais de diversificadas naturezas, tanto de grupos conservadores quanto de estudantes, sindicalistas e trabalhadores, associadas aos inúmeros eventos que envolveram esses grandes acontecimentos, fizeram parte do cenário carioca, em função da centralidade da cidade na política e história nacionais. Só nesse período a cidade do Rio de Janeiro passaria da categoria de Distrito Federal à de estado da Guanabara.

Nessas duas décadas, do ponto de vista dos ambientes trabalhista e estudantil, campos de envolvimento de Ruy Moreira, não tanto a presença e o crescimento dos sindicatos e dos trabalhadores sindicalizados quanto a intensa articulação dos estudantes que se fortaleceram em todo o Brasil, principalmente no Rio de Janeiro, passando a ganhar visibilidade e prestígio frente à conjuntura política e econômica. Esse é o cenário em que o geógrafo constrói sua formação política e intelectual. Vale a pena, contudo, lembrar que no ano de 1960, seu cotidiano esteve muito atrelado ao exercício militar, que de certa forma o retirou desse ambiente de lutas e reivindicações estudantis e trabalhadoras.

De 1960 a 1966, Ruy Moreira se preparou para concluir seus estudos ginasial e colegial e dar prosseguimento ao universitário. Sua formação intelectual e marxista adveio da prática cotidiana e das leituras que realizava nos grupos de estudos do movimento estudantil, que aos poucos foi sendo aprimorada pelos cursos formais e pelas leituras da literatura clássica brasileira. Nesse período vivenciou e participou de movimentos estudantis e de muitos confrontos diretos entre os estudantes, universitários e secundaristas, e de trabalhadores com a ditadura militar. Foi justamente nesse ambiente que tomou contato com uma Geografia politizada.⁶ Inicialmente, pensou em ingressar na Economia, mas acabou

estendendo-se segundo eixos definitivos pelas ferrovias (...) Durante essas décadas, unidades industriais continuaram a instalar-se na cidade. (...) A população metropolitana cresceu aceleradamente: em 1930 tem cerca de 1380 pessoas; em 1940 possui 1747 mil; em 1950, 2336 mil. Atinge 3.140 mil pessoas em 1960." (Carlos Lessa, 2000, p.237-238). Para maiores informações a cerca do movimento operário no Rio de Janeiro, sugere-se consultar Eulália Lobo (1992).

⁶ Antes de ingressar na universidade, Ruy Moreira já possuía um conhecimento acumulado advindo das leituras e debates realizados nos grupos partidários de estudos e do autodidatismo. Fizeram parte de sua formação intelectual pretérita à universidade obras clássicas de autores da esquerda, como Marx e Engels, Lênin, Rosa Luxemburgo, Stalin e Trotsky; de brasileiros, como Caio Prado, Nelson Werneck Sodré, Leandro Konder etc.; de não marxistas, como Gilberto Freire,

optando pela Geografia por influência de um professor do cursinho que frequentava e que posteriormente se tornaria docente do Colégio Pedro II, Antônio Rodrigues.⁷ Foi este professor que o ensinou a enxergar a combinação Economia, Política e Geografia e o apresentou os livros de grandes geógrafos como Jean Brunhes, Pierre George e Yves Lacoste. A partir desses autores chegou a Jean Tricart.⁸

Posteriormente, durante sua formação universitária, se aprofunda na leitura desses geógrafos, não como resultado das atividades dos cursos regulares que frequentou, mas sim pelo autodidatismo, como ele mesmo menciona.

Contraditoriamente, minha formação universitária é marcada por esse contraste. A visão politizada, integrada e dialética da geografia secundária conflita com a visão opaca, desentrosada e arcaica da geografia universitária. Lacoste, George e Tricart, companheiros de meus bancos secundários, não frequentam as aulas comigo nos bancos universitários. (MOREIRA, 2013, p.6)

Em 1966, Ruy ingressou no Curso de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que na época funcionava no centro da cidade, na Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi), concluindo-o em 1970, aos 29 anos.⁹ Era também nessa Faculdade que funcionavam os cursos de Química, Física, História, Antropologia, Sociologia, Filosofia, Letras e Matemática.¹⁰ Na Universidade foi colega de

Raimundo Faoro, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Machado de Assis, etc.; ou da sociologia francesa como Roger Bastide, Jacques Lamber, entre outros. (MOREIRA, 2016b).

⁷ Ruy frequentava o cursinho de segundo grau, organizado pela UME (União Metropolitana dos Estudantes), que funcionava o DECUME (Departamento de Cursos da UME) um cursinho preparatório onde lecionavam estudantes universitários, localizado na parte dos fundos, um prédio anexo ao Calabouço, restaurante dos estudantes organizado e dirigido pela UME, na Praia Vermelha. (MOREIRA, 2013)

⁸ Jean Tricart (1920-2003) comunista, da escola de Pierre George, um dos primeiros intelectuais da Geografia a incorporar o pensamento marxista aos seus estudos. Yves Lacoste (1929-) comunista, nascido em Marrocos, sempre associou seus estudos geográficos à perspectiva política, crítica e de denúncia. Jean Brunhes (1869-1930), introdutor do pensamento dialético na Geografia, no que se refere à relação da sociedade com o meio, intermediada pelo trabalho e desenvolvimento técnico. Sua contribuição sobre os debates ambientais é de grande relevância. Todos, geógrafos franceses críticos, à sua maneira, compuseram as bases iniciais do pensamento de Ruy Moreira. Para uma análise das contribuições desses autores para a Geografia brasileira, sugere-se a leitura do primeiro volume de *O pensamento geográfico brasileiro: as matrizes clássicas originárias*, escrito por Ruy Moreira, 2008.

⁹ O Curso de Geografia naquele momento funcionava na Avenida Presidente Antonio Carlos, onde hoje é o Consulado Geral da Itália. Em 1968, muda-se para o Largo de São Francisco e em 1973 para a Ilha do Fundão. (SOARES, 2001 e GALVÃO, 2002).

¹⁰ Com relação à Universidade e, especificamente à FNFfi, onde funcionava o Curso de Geografia, Arthur Poerner (2004) chama atenção para o fato de que após o Golpe militar deixava de ser o lugar de vanguarda dos anos anteriores, corroborando com a observação de Ruy Moreira sobre o caráter apolítico da época em que cursou Geografia. “Entre 1960 a 1964, a Faculdade Nacional de Filosofia demonstrou ser uma espécie de escalão avançado do movimento estudantil como um todo. Assim, na fase em que este florescia, ela despontava como a mais séria e politizada de todas as faculdades brasileiras. Natural, portanto, que se fizesse sentir de forma mais agônica o fim daquele período da história do Brasil no velho prédio de mau gosto fascista da Av. Presidente Antônio Carlos, no Rio, quando se verificou o colapso

turma de Marita Pimenta (posteriormente professora do Departamento de Geografia da UFF e da UERJ) e de Jorge Soares Marques (posteriormente professor do Departamento de Geografia da UFRJ e da UERJ), e também contemporâneo de Mauricio Abreu e Elmo Amador (posteriormente professores do Departamento de Geografia da UFRJ).¹¹

Após a formatura, em 1970, Ruy passou a lecionar Geografia para o primeiro, segundo e terceiro graus. Foi professor da Pontifícia Universidade Católica de Petrópolis, da escola pública municipal Orsina da Fonseca, na Tijuca, do Colégio São Bento, no centro da cidade, e de cursinhos. Nesse mesmo ano, Ruy se mudou do subúrbio, de Marechal Hermes, para a zona norte da cidade, para a região da Grande Tijuca.¹² Em 1979, passou a lecionar no Curso de Geografia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), dividindo suas horas de docência e pesquisa com o magistério escolar. Foi durante esses primeiros dez anos de sua prática profissional, que ele aprofundou seus estudos geográficos, associados a uma atuação política militante (MOREIRA, 2016b). Pierre George, Jean Tricart, Yves Lacoste eram a base de suas aulas, e haviam também marcado toda uma geração que o antecedeu.

Vale lembrar que de George vem Milton Santos. De George e Lacoste vem Armando Corrêa da Silva. E de Tricart vem Aziz Nacib Ab`Saber. Deles vêm todo o espectro de leituras e ideias que formam o ambiente geográfico de esquerda no Brasil dos anos pré-1970. (MOREIRA, 2013, p.7)

Com relação ao ambiente político, apesar da forte repressão militar que prossegue nas ruas na década de 1970, a partir de 1977 se intensificaram igualmente os movimentos de oposição e resistência. Ruy se envolveria não apenas com os vinculados ao meio universitário mas também aos sindicatos. Nas universidades, principalmente nas Ciências humanas nas décadas de 1970 e 1980 os movimentos sociais foram muito importantes para as lutas contra a ditadura, e suas conquistas apareceram na nova Constituinte de 1988.

global causado pelo golpe de abril. Por muito tempo, a Nacional de Filosofia fora uma entre muitas faculdades, sem que a discussão política chegasse a empolgá-la." (POERNER, 2004, p.189).

¹¹ Sobre a Geografia na UFRJ, consultar Mônica Machado, 2009.

¹² Quando Ruy se mudou para a região da Grande Tijuca, morou inicialmente no bairro de Vila Isabel, depois na Praça da Bandeira e por último na Tijuca. Seus dois filhos lá nasceram em 1972 e em 1974. Na Tijuca ficou até o final da década de 1980. Na década de 1990, passou a morar em São Gonçalo, transitando entre esse município e o de Niterói. (MOREIRA, 2001 e 2016b).

Na realidade o período em que o movimento estudantil voltou a ter força política iniciou-se no Governo Geisel (1974-1979) e coincidiu com a crise energética internacional e os impactos do aumento do preço do petróleo no mundo, em 1974, ano que marca também o fim do milagre econômico brasileiro. A crise econômica provocou a reação da população contra o regime militar e aumentou as críticas à política nacional. O governo militar já não contava da mesma forma com o apoio popular nem com a adesão de setores da elite, que passaram a direcionar críticas severas à política econômica nacional. Foi nesse contexto que os movimentos sociais passaram não mais a sofrer repressões como na década anterior, sobretudo os movimentos estudantis e o sindicalismo remodelado. Assim, a partir de 1977 grandes manifestações públicas em defesa da democracia passaram a ser cada vez mais comuns.¹³

Com a abertura política iniciada no Governo Geisel e continuada no Governo Figueiredo (1979-1985), os movimentos e militantes estudantis retornam ao cenário político das ruas e passam a estar cada vez mais presentes nas entidades de classe e de estudantes. Os centros e diretórios acadêmicos universitários, assim como a UNE, reabrem e se tornam polos importantes de lutas democráticas. A Geografia não ficaria fora desse processo. Assim, no campo científico e acadêmico geográfico, as organizações estudantis exerceram igualmente uma extraordinária atuação na abertura e renovação da Geografia brasileira.¹⁴

A realização do 3º Encontro Nacional de Geógrafos, organizado pela Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), em Fortaleza, em 1978, foi o marco dessa abertura e renovação resultante pela pressão dos movimentos estudantis.¹⁵ Não apenas os estudos e debates teóricos e filosóficos

¹³ “No ano de 1978, em algumas regiões do país, o sindicalismo foi reestruturado. Liderado pelo metalúrgico Luiz Inácio da Silva, Lula, organizou-se uma greve com a adesão em massa dos funcionários da empresa Scania. Nesse mesmo ano, o general Geisel apresentou ao Congresso um a Emenda Constitucional (n11) que revogava, a partir de 1º. De janeiro de 1979, o AI5 – o maior instrumento de poder (e de repressão) dos governos militares. Além disso, revogou decretos de banimento de cerca de cem exilados pelos governos pós-1964” (KOIFMAN, 2002, p.714-175)

¹⁴ Sobre os movimentos sociais e a Geografia na década de 70, consultar o artigo de Diamantino Pereira, 2008.

¹⁵ “É interessante observar também que a década de 1970 vai conhecer uma expansão considerável de cursos de graduação e a implantação de cursos de pós-graduação em Geografia no Brasil. Ao final dessa década existem 121 cursos superiores da disciplina no país, dois programas de doutorado (Geografia Física e Humana na USP), outros três de mestrado (UFRJ, UFPE, UNESP/Rio Claro) e cinco de especialização (UFSC, UFBA, UFSE, UEL e UNESP/Presidente Prudentes). É esse público estudantil, de graduandos e pós-graduandos que compõe o cerne do movimento de renovação crítica da Geografia brasileira na segunda metade dos anos 1970, forçando a abertura da AGB a participação mais ampla”. (MORAES, 2004, p.32)

desenvolvidos por essa ciência se alteraram como também foi estabelecida uma nova forma de organização e gestão e um novo estatuto da AGB.¹⁶ A partir de então, ampliou-se a participação e o diálogo dentro da Associação com os professores dos ensinos básico e médio de Geografia e se fortaleceram discussões sobre o ensino e a prática geográfica em sala de aula, sobre Geografia e Ensino.¹⁷ Era o início da chamada “renovação crítica” da Geografia brasileira, que forçou a abertura da AGB a uma ação mais ampla e forte dos estudantes e dos então professores universitários que haviam participado da luta contra a ditadura. Ruy Moreira foi um desses professores, e sua atuação tanto política como intelectual foi fundamental para o estabelecimento da Geografia crítica, de matriz marxista, no Brasil.

Apesar de não ter estado presente no 3º. Encontro em Fortaleza, a participação de Ruy nessa renovação política e epistemológica da Geografia foi fundamental. Como estudante militante, Ruy havia atuado no movimento estudantil secundarista e universitário durante a década de 1960, e na década seguinte sua atividade profissional e pedagógica esteve associada ao campo político geográfico, secundarista e universitário. Assim, os estudantes que estiveram em Fortaleza o conheciam pelos debates e minicursos acadêmicos de que participava, e alguns eram ou haviam sido seus alunos. Vale mencionar que no final dos anos 70, ele e Carlos Walter Porto Gonçalves haviam criado um grupo de estudos no Rio de Janeiro de grande capilaridade entre os estudantes e militantes das universidades brasileiras, estabelecendo uma estreita rede de comunicação entre a comunidade geográfica e as de outras áreas do conhecimento. (MOREIRA, 2016b).

A partir da AGB de Fortaleza, Ruy Moreira passaria a ser constantemente convidado pelos centros e diretórios acadêmicos de Geografia para debater sobre a história e a natureza do conhecimento da disciplina, em um período em que as discussões estavam movimentadas pelo lançamento, em 1976, do

¹⁶ Sobre a renovação e a história da AGB, sugere-se a tese de Charlles Antunes (2008).

¹⁷ “Quando a AGB ganha o perfil de sociedade civil na Assembleia de 1979, os Centros e os Diretórios Acadêmicos de Geografia já eram parte integrante dela. Com isso em todos os cantos o perfil da Geografia se politiza. E através desses estudantes, logo a seguir tornados professores das escolas, essas ideias novas saem das universidades para generalizar-se pela sociedade como discurso do ensino e prática geográfica. Toda a Geografia brasileira assim muda.” (MOREIRA, 2013, p.23).

livro *A Geografia serve, antes de mais nada, para fazer a guerra*, de Yves Lacoste.¹⁸ Assim, o primeiro livro de sua autoria, *O que é Geografia*, publicado em 1980 na então conhecida série da Editora Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, foi produto das palestras e cursos que proferiu entre 1978 e 1980, em várias associações de estudantes e profissionais de Geografia, não apenas no Rio de Janeiro, mas pelo Brasil, sobretudo em São Paulo, na União Paulista dos Estudantes de Geografia UPEGE, que reunia todos os centros e diretórios acadêmicos de São Paulo.¹⁹ Não é demais lembrar que durante toda a década de 1970, Ruy esteve ministrando inúmeras aulas, tanto para cursos de graduação quanto para os ensinamentos fundamental e médio e em cursinhos pré-vestibulares no Rio de Janeiro.

Somente quase dez anos depois da conclusão de sua graduação que ele retornaria para a universidade, em 1979, para realizar o mestrado em Geografia, no Curso de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob orientação de Maurício Abreu, seu contemporâneo de graduação. É, portanto, na UFRJ, em 1984, que Ruy adquire seu título de mestrado com um estudo sobre o movimento operário e a relação cidade-campo no Brasil.

Estávamos em 1979-1980, saindo ainda da fase de chumbo da ditadura, e fui então buscar um orientador justamente para o tema do movimento operário. Era o momento de criação da CUT e o movimento sindical recém saía dos grandes embates grevistas de 1978 e 1979 que haviam afrontado a ditadura, ainda forte. É assim que chegava a um professor, muitos dos quais tinham sido meus professores na graduação, e estabelecia nosso conhecido diálogo: “professor eu queria conversar sobre orientação, a possibilidade de tê-lo com você”. E ele perguntava: “qual é o seu tema?”. Eu dizia: “o movimento operário”. E ele: “não é bem o meu campo de pesquisa, sinto, mas não posso orientar você”. Ia então a outro, a um terceiro e a um quarto e tinha a mesma resposta. Percebi então que ao invés de um antigo professor, já meu conhecido recíproco do tempo da graduação, deveria ir a um ex-colega. E assim fui a Maurício. Procurei Maurício e fui direto: “Quero fazer uma dissertação de mestrado sobre esse tema e pensei em conversar com você”. E ele de pronto deu o aceite.

¹⁸ Conforme Antonio Carlos Robert de Moraes (1999, p.17) a década de 1980 foi marcada pelo restabelecimento de discussões sobre o papel da disciplina e a recuperação de sua história. Esses estudos surgiram também como produto dos Programas de Pós-Graduação em Geografia, que haviam sido impulsionados em meados dos anos 70 pelo governo militar. Temáticas que foram igualmente incrementadas a partir da realização do Encontro de Fortaleza.

¹⁹ “A UPEGE era uma entidade dirigida por um combinado de estudantes de direita e estudantes neutros das diferentes universidades de São Paulo. O Congresso ocorrido poucos meses antes da assembleia, em Presidente Prudente, pusera a entidade na mão da esquerda estudantil de São Paulo, cuja vanguarda eram os estudantes do centrinho da USP. E essa vanguarda ao trazer e reunir na USP os estudantes de todo o Brasil para a participação em novo evento da entidade, às portas da assembleia da AGB, faz a UPEGE se tornar uma entidade estudantil praticamente nacional. Tanto que uma outra derivação disso foi, logo a seguir, a criação do ENEG, o encontro nacional dos estudantes de Geografia, em dezembro de 1979, em Goiânia” (MOREIRA, 2013, p.22). Diamantino Pereira e Douglas Santos, na época estudantes de Geografia da USP e do Centro de Estudos Geográficos, denominação do Centro Acadêmico de Geografia da USP, participaram ativamente da renovação da UPEGE (MOREIRA, 2016b).

Interessante o Maurício, porque não era uma pessoa de esquerda. Era um liberal aberto às ideias de esquerda, não era um colega politizado, militante de movimento, mas não era um antimarxista, ao contrário, era um acadêmico que dialogava em grande honestidade intelectual com o marxismo, ao qual tinha muitas posições críticas. Maurício, como meus antigos professores, conhecia minha trajetória pessoal. Por muitas vezes como participante do diretório acadêmico eu entrei na sala do Maurício e fiz o agito de mobilização para o movimento grevista e de passeatas de 1968, 1969 e 1970. Terminei a graduação em 1970. E ele ficou lá mais um ou dois anos. Depois só fomos nos ver no mestrado. Eu envolvido em aulas e militância. Ele dando sequência a sua carreira universitária, fazendo o mestrado na UFRJ e o doutorado fora do país, creio que nos Estados Unidos. O fato é que Maurício prontamente aceitou meu convite, sem nenhum condicionamento ou problema de restrição política. (MOREIRA, 2013, p.27)

Assim, durante a década de 1980, Ruy esteve muito envolvido em várias atividades profissionais, tanto vinculadas ao meio acadêmico quanto à militância política, atuações na vida do geógrafo imbricadas e inseparáveis. A partir da publicação de seu primeiro livro, mencionado anteriormente, publicou mais quatro, além de vários artigos em periódicos de Geografia de grande circulação e proferiu inúmeras aulas e palestras. Em 1982, organizou uma coletânea de artigos no livro que marcou a renovação crítica da Geografia brasileira, *Geografia: Teoria e crítica, o saber posto em questão*. Em 1984, Ruy defendeu sua dissertação de mestrado, *Contradições fabris, espaço e ordenação de classes: o movimento operário e a questão cidade-campo no Brasil*, publicada em livro pela Editora Vozes, em 1985. Em 1987, publicou o livro *O discurso do avesso. Para a crítica da Geografia que se ensina*. Exerceu também importante papel político e acadêmico no campo científico geográfico brasileiro, tendo assumido a presidência nacional da AGB, entre 1980 e 1982, e assessorado, durante muitos anos, importantes sindicatos de trabalhadores, de operários, como a CUT, que havia sido criada recentemente (MOREIRA, 2016b). Todas essas atividades estavam associadas a um propósito, a renovação e construção de Geografia crítica brasileira, de matriz filosófica e atuação prática marxista.

Foi ainda nos anos 80 que Ruy ingressou como professor no Departamento de Geografia da Universidade Federal Fluminense, em 1987, por seleção pública, e posteriormente, em 1991, por concurso público, quando passou a trabalhar nessa instituição em regime de dedicação exclusiva. Aqui, juntamente com Carlos Walter Porto-Gonçalves, que se tornou, também em 1987, docente no mesmo Departamento, passou a construir um núcleo universitário da esquerda geográfica brasileira, que tomou grande expressão nacional e latino-americana. Foi também no ano de 1991 que Ruy iniciou seu doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo, sob a orientação

do grande intelectual Armando Corrêa da Silva, conforme André Martin (2014, p.13), “geógrafo, professor universitário e pianista”. Ruy o havia conhecido em 1979, na USP, durante a Assembleia da AGB, que reformulou todo o estatuto da entidade, em função do movimento de renovação e abertura da Geografia brasileira, ocorrido no famoso Encontro de Fortaleza, um ano antes. Mas a relação de Ruy com Armando só se tornou mais forte posteriormente, quando o primeiro assumiu a direção da AGB, em junho de 1980, no Encontro Nacional de Geografia realizado na PUC-Rio. Armando ficou hospedado na casa do Ruy, na Tijuca, e assumiu a coordenação de uma comissão de trabalho da AGB, que com a reforma passou a ter como base de funcionamento gestões coletivas. Segundo depoimento do próprio Ruy, desde então entre eles “se estabeleceu uma forte identidade afetiva e teórico-ideológica.”

Armando, como eu, era marxista e vinha do envolvimento com o movimento partidário, ele de um partido e eu de outro. Já no encontro da UPEGE de Presidente Prudente, trocávamos ideias sobre a sucessão de acontecimentos em curso no ambiente político e teórico da Geografia. (...). Quando entro para a direção nacional da AGB, em julho de 1980, e Armando assume a coordenação de uma das Comissões, numa estrutura funcional da AGB que passa a ter nas Gestões Coletivas e no trabalho das Comissões justamente suas duas bases, o convívio já se tornara uma grande amizade. (MOREIRA 2013)

A trajetória espacial e intelectual: segunda fase

O período no qual Ruy Moreira realizou seu doutoramento em São Paulo (1991-1994) foi para ele de grandes mudanças, tanto de local de trabalho e instituição quanto de deslocamento e moradia. Além do trajeto Rio-São Paulo, exigido em função do doutorado na USP, Niterói passava a entrar com força em sua geografia, em virtude da intensificação de suas atividades docente e de pesquisa na UFF. Seu novo endereço passaria a ser em São Gonçalo. Ruy estava saindo da PUC-Rio, depois de mais dez anos lá lecionando, ingressando como docente na Universidade Federal e diversificando seu objeto de estudo, passando a incluir e aprofundar a teoria e epistemologia da Geografia. O livro *O discurso do avesso*, publicado anos antes, em 1987, já apresentava um distanciamento de sua dissertação de mestrado, que era um trabalho de existência, misturando o meio operário, a militância, o movimento marxista e a conjuntura do movimento operário e da urbanização brasileira, no caso a do Rio de Janeiro.²⁰

²⁰ *O discurso do avesso* será revisto e republicado, em 1993, sob o título *O círculo e a espiral: a crise paradigmática do mundo moderno*.

O discurso do avesso espelha meu deslocamento do tema de militância mais direta, para o da ciência, teoria e filosofia, e para o interesse pela epistemologia, pelos princípios fundadores do pensamento geográfico. Estou na universidade na sala de aula e a velha pergunta dos estudantes da década de final dos anos 70 e início dos 80, dos centros e diretórios acadêmicos, “o que é Geografia?” retornava e necessitava de respostas. Eu estava trabalhando em sala de aula, com disciplinas de teoria e metodologia da Geografia. Era um novo cruzamento de vivência, ainda estava muito envolvido na militância, assessorando a CUT, mas eu estava cada vez mais vinculado à universidade e no trânsito da PUC para UFF (MOREIRA, 2016b).

Assim, a década de 1990 inauguraria uma nova fase na trajetória espacial e profissional de Ruy Moreira, tanto no seu território de vida quanto na direção dos seus estudos e obras. No ano de 1990, publicou *Formação do espaço agrário brasileiro*, ainda como resultado de suas atividades durante os últimos dez anos, associando militância e as aulas de Geografia agrária e Metodologia na PUC. De certa forma, esse livro fechou um primeiro período do pensamento do autor. Associando história, economia, política e território, interpreta a formação agrária brasileira buscando desvelar os mecanismos exploratórios e concentradores de riqueza da elite agrária brasileira, expressa no latifúndio, e a formação do campesinato e suas lutas. Pode-se dizer que se tratava de um capítulo de seus estudos de economia política do espaço da sociedade brasileira.

O segundo período do pensamento de Ruy Moreira começou a se consolidar com a realização de seu doutoramento e sua maior atuação na universidade, sobretudo ministrando cursos de teoria e metodologia da Geografia. *Espaço, corpo do tempo*, (1994) foi o título de sua tese, que teve como banca examinadora importantes nomes da Geografia e das ciências sociais no Brasil: Armando Corrêa da Silva (orientador), Milton Santos, Lia Osório Machado, Ana Clara Torres Ribeiro e Gabriel Cohn. Neste estudo, Ruy recuperou e discutiu seis autores clássicos da Geografia francesa, Paul Vidal de La Blache, Élisée Reclus, Jean Brunhes, Maximilien Sorre, Pierre George e Paul Claval, com o intuito de extrair a essência de suas referências teóricas e montar uma base interpretativa para o estudo da relação sociedade-espaço no Brasil. O trabalho é organizado em duas grandes partes: a primeira traz um resumo do pensamento desses geógrafos, e a segunda, uma análise mais direcionada sobre o papel do espaço geográfico e suas configurações na construção das sociedades por eles desenvolvidas. Na realidade, Ruy buscou aproximações e afastamentos entre seu pensamento e o dos clássicos franceses, no que se refere à teorização da relação sociedade-espaço. Apesar de os autores valorizarem o processo histórico dessa

relação, ele constatou a falta de uma discussão direcionada à especificidade dessa relação na sociedade capitalista moderna.

A partir de sua tese de doutorado saíram vários artigos publicados na Revista Ciência Geográficas, AGB-Bauru (entre os anos de 1997 e 2002), e cinco livros editados nos anos 2000: *Para onde vai o pensamento geográfico? Por uma epistemologia crítica* (2006); *Pensar e ser em Geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico* (2007); e a trilogia *O pensamento geográfico brasileiro – as matrizes clássicas originárias, vol. 1* (2008), *as matrizes da renovação, vol.2* (2009) e *as matrizes brasileiras, vol. 3* (2010). O conteúdo dos livros *Para onde vai o pensamento geográfico* e *Pensar e ser em Geografia* resultou da segunda parte da tese e reúne textos alinhados com os problemas da ontologia e da epistemologia geográficas. Já o conteúdo da primeira parte compôs uma grande parcela do volume 1 da trilogia *O pensamento geográfico brasileiro*. Aqui são apresentados sete geógrafos e debatidas suas correntes teóricas, consideradas por Ruy Moreira como matrizes da Geografia clássica brasileira. O segundo volume é dedicado aos geógrafos das contracorrentes do positivismo, os quais, conforme o autor, presenciaram o movimento de renovação da Geografia no País, na década de 1970. No terceiro volume da trilogia, Ruy apresenta uma seleção de geógrafos brasileiros que para ele espelham os caminhos do pensamento desta ciência no Brasil.

Embora Ruy Moreira não tenha abandonado seus estudos sobre a realidade territorial brasileira e sua composição social, nessa segunda fase verifica-se todo um esforço e dedicação intelectual ao estudo da história e epistemologia da ciência geográfica, tanto de suas matrizes originárias quanto do espaço geográfico brasileiro. É também nesse período, iniciado na década de 1990, que mais se aprofundou no debate filosófico, sobretudo, na ontologia, uma herança de Amando Corrêa da Silva. A partir desse aprofundamento, Ruy passou a incluir a ontologia e a crítica ontológica em suas reflexões sobre ciência geográfica e seu objeto de investigação, o espaço geográfico. Essas discussões aparecem tanto nos livros quanto nos artigos que publicou na primeira década do século XXI.

Assim, pode-se dizer que uma segunda fase da vida e obra de Ruy Moreira se estendeu entre 1994, quando defendeu seu doutoramento, e 2010. Um período em que viveu entre Niterói e São Gonçalo e

viajou pelo Brasil para ministrar palestras e cursos e participar de bancas. Foi também um período de grande riqueza intelectual para o autor, em função de seu envolvimento e dedicação às aulas ministradas no Programa de pós-graduação da UFF, que ele mesmo ajudou a criar em 1998. Inúmeras orientações e bancas de mestrado e doutorado, não apenas dentro desse Programa, mas de vários outros pelo Brasil, contaram com sua participação e tiveram nele um eixo de debate e condução intelectual, na direção de uma Geografia combativa e filosófica de matriz marxista e marxiana.

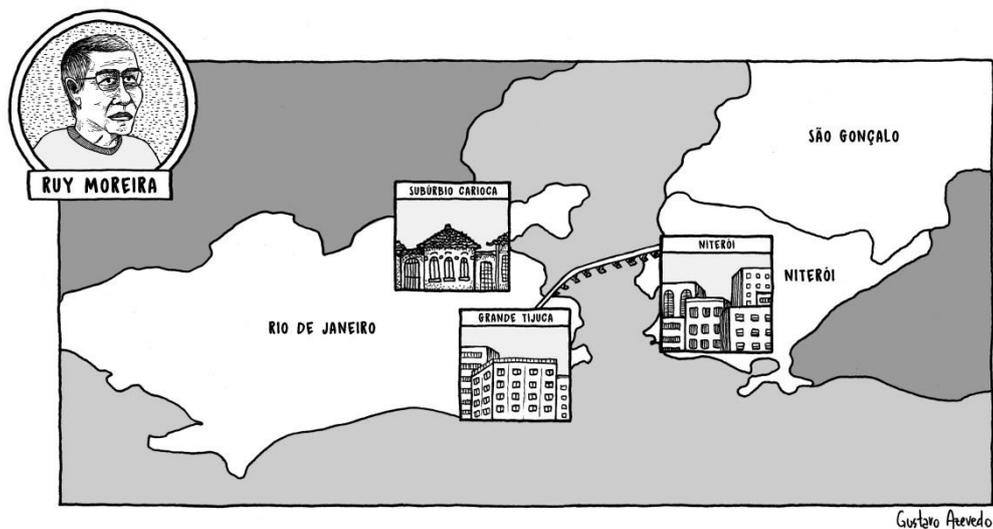


Figura 1. Ruy Moreira e sua trajetória espacial. Arte de Gustavo Ferreira de Azevedo, pesquisador do GeoBrasil (UERJ), 2019.

A trajetória espacial e intelectual: terceira fase

A partir de 2010, é possível identificar uma nova fase na vida e obra de Ruy Moreira. Em 2012 ele se aposentou da UFF, passando a lecionar nessa instituição apenas na Pós-Graduação, e ingressou como professor visitante no Departamento de Geografia da Faculdade de Formação de Professores, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em São Gonçalo, onde ficou até 2016. Aqui passou a trabalhar com um grupo de professores que havia formado na graduação e na pós-graduação da UFF e que dividiam com ele projetos políticos e teóricos semelhantes. Nesse sentido, fortaleceu a pesquisa e a militância geográficas da UERJ, São Gonçalo.

Na década atual, cada vez mais, o geógrafo tem direcionado sua preocupação e o trabalho intelectual acumulado ao longo dos anos para pensar o Brasil, aprofundando e estreitando a relação entre teoria geográfica radical e território brasileiro. Embora tenha trabalhado sempre nessas duas linhas, questões teóricas e leituras de Brasil, e tenha produzido textos correlatos a essas temáticas, seu projeto acadêmico parece estar voltado para um mergulho mais profundo no País, com o intuito de desenvolver e construir uma teoria geográfica crítica, capaz de explicar o movimento brasileiro, uma síntese do Brasil a partir de sua geografia e da ciência geográfica.

Cinco livros foram publicados por Ruy Moreira nos últimos dez anos: *Sociedade e espaço geográfico no Brasil* (2011); *A formação espacial brasileira - uma contribuição crítica à geografia do Brasil* (2012a); *Geografia e práxis - a presença do espaço na teoria e na prática geográfica*. (2012b); *A Geografia do espaço-mundo: conflitos e superações no espaço do capital* (2016a); *Mudar para manter exatamente igual: os ciclos espaciais de acumulação. O espaço total. Formação do espaço agrário brasileiro* (2018). Destes, três tratam do Brasil e, segundo depoimento do autor, um novo livro sobre o País está sendo por ele elaborado.

Meu projeto hoje é mergulhar no Brasil, uma visão revista do País, a partir do ponto de vista de como a esquerda tem o interpretado até agora, os historiadores, economistas, sociólogos, etc. É uma leitura minha, um olhar de geógrafo, que faço um tanto discordante do modo de como eles enxergam o Brasil. Agora meu projeto é ampliar e fazer um livro de Geografia do Brasil. Que país é esse em forma de livro (MOREIRA, 2016b).

Sociedade e espaço geográfico no Brasil (2011) é uma recuperação histórica, econômica e territorial do Brasil, um rico estudo de Geografia histórica brasileira, através da economia e da política, sobretudo do campo e de sua relação com a cidade e a indústria. Aqui são também articuladas e associadas as espacialidades orgânicas e inorgânicas ao movimento social, sob uma ótica, como diria Milton Santos, “tupiniquim” – mais brasileira e a partir da expropriação sofrida pela sociedade originária de seu território. Assim, por exemplo, quando trata da ação dos bandeirantes, denuncia o desmonte que este realizou na organização sociedade-natureza e o impacto que promoveu no arranjo espacial brasileiro. *A formação espacial brasileira - uma contribuição crítica à geografia do Brasil* (2012a) é também um estudo geohistórico pela economia e política, um estudo de economia política do espaço brasileiro. O autor

procura demonstrar que os diferentes arranjos espaciais no Brasil foram produzidos historicamente a partir dos conflitos entre os interesses do capital e as lutas dos trabalhadores. Acumulação urbano-industrial, geografia operária, espaço agrário e classes sociais, plantation e o Estado, reforma agrária, relação cidade e campo, divisão territorial do trabalho e rentismo são temas que constituem essa obra, todos analisados à luz da produção e organização do espaço brasileiro. Esta publicação reúne textos escritos entre 1978 e 2011.

Geografia e práxis - a presença do espaço na teoria e na prática geográfica (2012b) reflete sobre o papel do espaço nas ações humanas e suas relações com a natureza e a história. De certa forma recupera e aprofunda as questões da ontologia e da epistemologia geográfica apresentadas no livro *Pensar e ser em Geografia*, publicado em 2007. Entretanto, em *Geografia e práxis* percebe-se um maior aprofundamento e acento da abordagem ontológica ao estudo da Geografia, de sua epistemologia e do espaço geográfico. O autor desenvolveu essa abordagem associando-a, sobretudo, à práxis entendida com categoria central em Marx, exclusiva da espécie humana. Isto é, como ação e atividade por meio da qual o homem cria e transforma o mundo, a história e a si mesmo, não podendo existir em um vazio de sentidos, de representações, de ontologias, ou finalidades, diferindo, portanto, de uma simples prática dos animais. Assim, procurou demonstrar a importância de desenvolver uma crítica ontológica valorizando o estudo da práxis, uma vez que este permite desvelar a dinâmica e os sentidos dos arranjos e práticas espaciais. *A Geografia do espaço-mundo: conflitos e superações no espaço do capital* (2016a) apresenta uma interpretação geohistórica do atual sistema-mundo valorizando a economia, a política e o meio geográfico. Aqui estão reunidos artigos apresentados e escritos entre 1997 e 2015 que tratam tanto da moldura teórica e das mudanças das formas espaciais e do meio geográfico ao longo tempo quanto das novas configurações político-territoriais do atual sistema-mundo. Ensaio sobre a compreensão marxista em Geografia fecham a publicação.

Mudar para manter exatamente igual: os ciclos espaciais de acumulação. O espaço total. Formação do espaço agrário brasileiro (2018) foi o último livro publicado por Ruy Moreira. Ele recupera discussões e estudos apresentados nos dois outros livros sobre o Brasil dessa terceira fase, *Sociedade e espaço geográfico no Brasil* (2011) e *A formação espacial brasileira* (2012a), mas também apresenta um

excelente e inédito texto sobre os ciclos espaciais de acumulação do capital agrário. Destaca a expressão do poder político da bancada ruralista no legislativo, no judiciário e no executivo brasileiro, consolidado cada vez mais pela estreita associação entre agricultura, indústria e tecnologia, o agronegócio. De fato, nesse livro o autor procura explicar o Brasil a partir do espaço geográfico e da Geografia, exaltando que existe um eixo econômico-espacial que embora se altere historicamente permanece, e até mesmo se amplia, alicerçado na fusão entre monopólio fundiário, território e Estado. Salienta que apesar de o Brasil não ser mais um país agrário, a máquina política continua sendo controlada por uma bancada ruralista, um poder que vem desde o tempo do Brasil Colônia, os donos de terras, que são também banqueiros, políticos, advogados, empresários, industriais, etc. Trata-se de um estudo de Geografia do Brasil, geoeconômico e político, uma obra na qual Ruy parece dar continuidade à construção do seu grande projeto intelectual - a partir da abordagem ontológica construir uma síntese e uma interpretação não colonialista do País pela Geografia de matriz marxista.

Primeira fase (1980-1993)	1.	O que é Geografia, 1980.
	2.	MOREIRA, Ruy (Org). Geografia: teoria e crítica. O saber posto em questão, 1982.
	3.	Contradições fabris, espaço e ordenação de classes: o movimento operário e a questão cidade-campo no Brasil. Dissertação de Mestrado, 1984.
	4.	O movimento operário e a questão cidade-campo. Estudo sobre sociedade e espaço no Brasil, 1985.
	5.	O discurso do avesso. Para a crítica da Geografia que se ensina, 1987.
	6.	Formação do espaço agrário brasileiro, 1990.
	7.	O círculo e a espiral: a crise paradigmática do mundo moderno, 1993.
Segunda fase (1994-2010)	1.	Espaço, corpo do tempo. Tese de doutorado, 1994.
	2.	MOREIRA, Ruy (Org). A reestruturação industrial e espacial do estado do Rio de Janeiro, 2003.
	3.	Para onde vai o pensamento geográfico? Por uma epistemologia crítica, 2006.
	4.	Pensar e ser em Geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico, 2007.
	5.	O pensamento geográfico brasileiro: as matrizes clássicas e originárias – vol.1, 2008.
	6.	O Pensamento geográfico brasileiro: as matrizes da renovação – vol. 2, 2009.
	7.	O Pensamento Geográfico Brasileiro: as matrizes brasileiras – vol. 3, 2010.
Terceira fase (2011-2018)	1.	Sociedade e espaço geográfico no Brasil, 2011.
	2.	Para onde vai o pensamento geográfico? Por uma epistemologia crítica, 2011.
	3.	Geografia e práxis - a presença do espaço na teoria e na prática geográfica, 2012.
	4.	A formação espacial brasileira - uma contribuição crítica à Geografia do Brasil, 2012.
	5.	A Geografia do espaço-mundo: conflitos e superações no espaço do capital, 2016a.
	6.	Mudar pra manter exatamente igual: os ciclos espaciais de acumulação. O espaço total. Formação do espaço agrário brasileiro, 2018.

Quadro 1. Obras publicadas em livro por Ruy Moreira, por fases (1980-2018)

NOTAS FINAIS

Produto das atividades de pesquisa no âmbito do projeto *Dicionário dos Geógrafos Brasileiros* e sustentado em levantamentos bibliográficos e documentais, este artigo procurou apresentar e contextualizar o território da vida e as obras de Ruy Moreira apontando possíveis relações entre ele, suas obras, seu pensamento e suas contribuições. Nesse sentido, o espaço geográfico foi aqui trazido como chave interpretativa e como um método para trabalhar a história do conhecimento. Assim, as considerações apresentadas sobre a vida e a obra desse geógrafo foram sendo elaboradas a partir das conexões estabelecidas entre a construção de suas ideias e sua trajetória espacial, não de maneira determinista, mas a partir de uma análise de influências.

A partir dessa perspectiva metodológica, as três fases, aqui apresentadas da vida e obra do autor foram sendo clarificadas e identificadas. A primeira, que se estende até 1994, esteve muito associada a sua infância e juventude no Rio de Janeiro e marcou, de certa forma, um eixo de interpretação e estudo que perpassa toda sua obra. Filho de pais migrantes da zona rural, do agreste pernambucano e do interior fluminense, de origem proletária, que chegam ao Rio de Janeiro fugindo da pobreza, Ruy viveu, trabalhou, militou, estudou e se tornou professor no ambiente metropolitano carioca que pela sua histórica condição de capitalidade, recebeu pessoas de várias partes do País, de classe sociais diversificadas. Nesse período não só vivenciou as lutas estudantis como também tomou contato com toda uma leitura, na qual se aprofundou, associada ao comunismo e à esquerda, internacional e brasileira. Não apenas o ambiente carioca, mas as origens rurais e a condição de classe de seus pais parecem ter igualmente marcado sua opção pelo estudo do Brasil, sobretudo da condição de reprodução dos trabalhadores rurais e da classe operária.

A segunda fase, que compreende os anos de 1994 a 2010, foi marcada pelo mergulho do autor na vida acadêmica e no estudo da Filosofia, Epistemologia e Ontologia, em busca de uma reflexão mais profunda da natureza da produção de conhecimento da ciência geográfica. Niterói e São Gonçalo cada vez mais passariam a constituir seu novo território de vida e obra. Foi também um período de grande riqueza

intelectual e de desenvolvimento teórico na direção de uma Geografia radical, combativa e filosófica de matriz marxista e marxiana.

Apesar de Ruy Moreira nunca ter abandonado em sua trajetória intelectual o estudo sócio-espacial brasileiro, é na terceira fase de sua vida e obra, a partir de 2010, que ele retornaria, de forma mais incisiva e madura, ao projeto de construção de uma síntese geográfica não colonialista do Brasil, pela Geografia de matriz marxista, projeto esse que parece estar em curso.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Charles da França. **A Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), origens, ideias e transformações: notas de uma história**, 2008. 307p. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Federal Fluminense: Niterói.
- BESSE, Jean-Marc. Le lieu en histoire des sciences. Hypothèses pour une approche spatiale du savoir géographique au XVI^e siècle. **Mélanges de l'École française de Rome - Italie et Méditerranée**, Ecole Française de Rome, v. 116, n.2, p.1-30, 2004. Disponível em <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00113236>.
- GALVÃO, Maria do Carmo. Depoimento concedido a Mônica Sampaio Machado em 2001. **GeoBrasil**. Dicionário dos Geógrafos Brasileiros, online. Disponível em: http://www.grupogeobrasil.uerj.br/usuario//maria_do_carmo_corra_galvo//maria_do_carmo_corra_galvo_geobiografia_0.pdf
- KOIFMAN, Fábio. **Presidentes do Brasil**. Departamento de Pesquisa da Universidade Estácio de Sá. São Paulo: Cultura, 2002. 932p.
- LESSA, Carlos. **O rio de todos os Brasis**. Rio de Janeiro: Record, 2000. 478p.
- LOBO, Eulália Maria Lahmeyer (Org.). **Rio de Janeiro operário: natureza do Estado, conjuntura econômica, condições de vida e consciência de classe**. Rio de Janeiro: Acess, 1992.
- MACHADO, Mônica Sampaio. **A construção da Geografia universitária no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Apicuri, FAPERJ, 2009. 231p.
- MARTIN, Andre Roberto. Amando Corrêa da Silva e a Geografia do futuro. In: MACHADO, Mônica Sampaio Machado, MARTIN, André Roberto (Org.). **Dicionário dos geógrafos brasileiros**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014. p. 13-28.
- MASSEY, Doreen. A mente geográfica. **GEOgraphia**, Niterói, v.19, n. 40, 2017, p.5-10, 2017. Disponível em: <http://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13798>
- _____. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 312p.
- MORAES, Antonio Carlos Robert de. **Geografia histórica do Brasil: capitalismo, território e periferia**. São Paulo: Annablume, 2011. 146p.
- _____. **Memorial. Antonio Carlos Robert Moraes**. Apresentado ao concurso de Professor Titular no Departamento de Geografia da FFLCH da Universidade de São Paulo, 2004. 70p.
- _____. História social da geografia no Brasil: elementos para uma agenda de pesquisa. In: Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico, Rio Claro. **Anais: mesas redondas**. Rio Claro: UNESP, v., 3 p. 17-23, 1999.
- MOREIRA, Ruy. **O que é Geografia**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

- _____. (Org). **Geografia: teoria e crítica. O saber posto em questão.** Rio de Janeiro: Vozes, 1982.
- _____. **Contradições fabris, espaço e ordenação de classes: o movimento operário e a questão cidade-campo no Brasil.** 1984. 272p. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- _____. **O movimento operário e a questão cidade-campo.** Estudo sobre sociedade e espaço no Brasil. Rio de Janeiro: Vozes, 1985. 215p.
- _____. **O discurso do avesso.** Para a crítica da Geografia que se ensina. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1987.
- _____. **Formação do espaço agrário brasileiro.** São Paulo: Brasiliense, 1990. 83p.
- _____. **O círculo e a espiral: a crise paradigmática do mundo moderno.** Rio de Janeiro: Obra Aberta, 1993. 142 p.
- _____. **Espaço, corpo do tempo.** 1994. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade de São Paulo.
- _____. MOREIRA, Ruy (Org). **A reestruturação industrial e espacial do estado do Rio de Janeiro.** Niterói: AGB/PPGEO-UFF, 2003. 169p.
- _____. **Para onde vai o pensamento geográfico? Por uma epistemologia crítica.** São Paulo: Contexto, 200.191p.
- _____. **Pensar e ser em Geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico.** São Paulo: Contexto, 2007. 198p.
- _____. **O pensamento geográfico brasileiro: as matrizes clássicas e originárias, Vol.1.** São Paulo: Contexto, 2008. 190p.
- _____. **O pensamento geográfico brasileiro: as matrizes da renovação, Vol. 2.** São Paulo: Contexto, 2009. 172p.
- _____. **O Pensamento geográfico brasileiro: as matrizes brasileiras, Vol.3** São Paulo: Contexto, 2010. 168p.
- _____. **Sociedade e espaço geográfico no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2011. 159p.
- _____. **Para onde vai o pensamento geográfico? Por uma epistemologia crítica.** São Paulo: Contexto, 2011. 191p.
- _____. **A formação espacial brasileira - uma contribuição crítica à geografia do Brasil.** Rio de Janeiro: Consequência, 2012a. 334p.
- _____. **Geografia e práxis - a presença do espaço na teoria e na prática geográfica.** São Paulo: Contexto, 2012b. 221p.
- _____. **A Geografia do espaço-mundo: conflitos e superações no espaço do capital.** Rio de Janeiro: Consequência, 2016a.
- _____. **Mudar pra manter exatamente igual: os ciclos espaciais de acumulação. O espaço total. Formação do espaço agrário brasileiro.** Rio de Janeiro: Consequência, 2018.
- MOREIRA, Ruy. Entrevista com Ruy Moreira, por Bruno Hidalgo, Leonardo Martins, Leonardo da Costa, Maíra de Azevedo e Natacha Ribeiro. **Paisagens: Revista dos Estudantes de Geografia da USP, FFLCH-USP: São Paulo, p.1-36, 2013.**
- _____. Depoimento concedido a Mônica Sampaio Machado em 2016. **Geobrasil.** Dicionário dos Geógrafos Brasileiros, online. 2016b. Disponível em: http://www.grupogeobrasil.uerj.br/usuario//ruy_moreira//ruy_moreira_geobiografia_0.pdf
- _____. Depoimento concedido a Mônica Sampaio Machado, 2001. **Geobrasil.** Dicionário dos Geógrafos Brasileiros, online. Disponível em: http://www.grupogeobrasil.uerj.br/usuario//ruy_moreira//ruy_moreira_geobiografia_0.pdf
- MUNTEAL, Oswaldo; VENTAPANE, Jaqueline; FREIXO, Adriano de. (Org.). **O Brasil de João Goulart: um projeto de Nação.** Rio de Janeiro: PUC-Rio/Contraponto, 2006. 270p.
- OLIVEIRA, Márcio Piñon de; FERNANDES, Nelson da Nóbrega. (Org.). **150 anos de subúrbio carioca.** Rio de Janeiro: Lamparina/FAPERJ/EdUFF, 2010. 253p.
- PEREIRA, Diamantino Alves Correia. A AGB. Os movimentos sociais e a Geografia: UPEGE, AGB, e movimento estudantil da década de 70. **Boletim Paulista de Geografia**, n.88. p.89-96. 1988. Disponível em: <http://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/boletim-paulista/article/view/783/667>
- PHILO, Chris. História, Geografia e o “mistério ainda maior” da Geografia histórica. In: GREGORY, Derek, MARTIN, Ron, SMITH, Graham (orgs). **Geografia Humana: sociedade, espaço e ciência social.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 269-298.

POERNER, Arthur José. **O poder jovem**: história da participação política dos estudantes brasileiros. Rio de Janeiro: Booklink, 2004. 322p.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo. Razão e Emoção. São Paulo: Hucitec, 1996. p.308.

_____. **Técnica, Espaço, Tempo**: Globalização e Informação no meio técnico-científico-informacional. Hucitec, São Paulo, 1994.

SOARES, Jorge Marques. Depoimento concedido para Mônica Sampaio Machado em 2001. **GeoBrasil**. Dicionário dos Geógrafos Brasileiros, online. Disponível em:

http://www.grupogeobrasil.uerj.br/usuario//jorge_soares_marques//jorge_soares_marques_geobiografia_2.pdf